

O ANTIGO TESTAMENTO NA LÍRICA E NO TEATRO DE CAMÕES

por
JOSÉ NUNES CARREIRA

Em rigor, não se deveria aflorar um tema destes sem resolver uma questão prévia — a do cânone da lírica camoniana. Mas, como fixar tal *corpus* « não é possível no estágio dos conhecimentos actuais — e decerto nunca o será, salvo se ocorrerem miríficas descobertas de cancioneiros autógrafos ou de cancioneiros apógrafos, cuja fiabilidade não seja vulnerável ... »¹ —, submeter-se a uma exigência metodológica destas equivaleria a adiar para as calendas gregas o estudo das fontes veterotestamentárias da lírica de Camões. Investigar o teatro camoniano sob esta perspectiva é mais simples, até porque são muito ténues as influências seguras e directas do Antigo Testamento. Num e noutro campo, limito-me quase sempre a seguir uma edição moderna, sujeitando-me à restituição textual e à crítica literária do camonista responsável², sem de todo omitir outras laudas ou abdicar do juízo próprio.

¹ V. M. AGUIAR E SILVA, «... *Um Camões bem diferente* ... », em *Colóquio-Letras* 47 (Janeiro de 1979) 7.

² L. DE CAMÕES, *Obras completas, I-III*, com prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade, Lisboa, 1968³, 1971⁴, 1972. Para mais fácil colação, anoto o volume e a página em cada referência.

I - LÍRICA

1. REMINISCÊNCIAS, OU ENCONTROS FORTUITOS ?

Como as estrofes de *Os Lusíadas*, assim a lírica de Camões traz ao ouvido afeito à fraseologia do Antigo Testamento ressonâncias várias, reminiscências longínquas, cujo grau de intencionalidade é impossível determinar. O terreno é perigosamente escorregadio, pois as chamadas mais ou menos explícitas da cultura³, das línguas⁴ e das literaturas⁵ europeias não fazem senão explicitar um inconsciente colectivo secular de raízes e vivências bíblicas.

Pouco dirá o emprego de « Céu » (Oitavas [I], Obras, II, 17, 176 ; Oitavas [IV], Obras, II, 191) como substituto do nome de Deus. Nem era necessário recuar ao Antigo Testamento, pois o Novo ainda é porventura mais forte em tal emprego (cf., em São Mateus, « Reino dos Céus » por « Reino de Deus »

³ Só para lembrar alguns aspectos da cultura mais recente, cf. E. SIMON *Freuds Moses*, em H. J. SCHULTZ (ed.), *Sie werden lachen — die Bibel*, Berlin 1976², pp. 167-178 ; J. UHDE, *Das Alte Testament im Werk Arnold Schönbergs*, *ibid.*, pp. 179-190 ; A. ROSENBERG, *Der Engel Chagalls*, *ibid.*, pp. 217-225.

⁴ Sobre as influências bíblicas, nomeadamente hebraicas, na língua portuguesa, cf. A. A. TAVARES, *Palavras hebraicas e hebraismos na língua portuguesa*, em *Didaskalia* 7 (1977) 95-121.

⁵ Cf. M. MARTINS, *A Bíblia na literatura medieval portuguesa*, Lisboa 1979 ; H. J. HERMISSON, *Studien zur israelitischen Spruchweisheit* (WMANT 28), Neukirchen-Vluyn 1968, p. 27 (ditados populares alemães). Para a época moderna : H. MEYER, *Thomas Mann und der biblische Joseph*, em H. J. SCHULTZ (ed.), *o. c.*, pp. 191-201 ; H. FLÜGEL, *Hiob in der Gegenwartsliteratur*, *ibid.*, pp. 203-215 ; S. MELCHINGER, *Brecht und die Bibel*, *ibid.*, pp. 227-238.

e Lc 15, 18.21). Ninguém nos garante que o Poeta evocava deliberadamente o relato sacerdotal da criação (Gn 1,1) ao falar

*Em tantas criaturas que há criado,
O Criador do Mundo, Padre Eterno*

(Elegia X : Obras, II, 256)

ou ao proclamar a divindade de Cristo :

*Não, que aquele (é) Deus alto, incriado,
Senhor das cousas todas, que fundou,
O Céu, a Terra, o Fogo, o Mar irado*

(Elegia VI : Obras, II, 224⁶)

Encontro fortuito com Gn 8,22 pode ser o par de diádes

*Ao claro dia segue a noite escura,
A o Verão suave o duro Inverno*

(Écloga I : Obras, II, 2)

Para o mediterrânico Javeísta, ou já para a sua fonte, as estações do ano reduziam-se a duas — Verão e Inverno ; e em três dualidades vê assente a divinamente assegurada estabilidade do mundo pós-diluviano :

« Enquanto durar a terra
sementeiras e colheitas
Verão e Inverno
noite e dia
não mais acabarão ».

O « mais rico e famoso mausoléu », junto às « pirâmides altas » (Elegia VIII : Obras, II, 240) lembra os « mausoléus » dos reis e grandes da terra (Job 3,14), onde já se viu uma

⁶ Cf. A. AZEVEDO PIRES, *A Teologia em Camões*, Lisboa 1970, p. 46.

referência às pirâmides do Egípto⁷. O « bicho da terra vil e tão pequeno » (Canção IX : Obras, II, 291) pode ligar-se ao « verme » do Sl 27,7 ou ao bicho de Job 25,6⁸. O « carvalho, que queimado / tão gravemente foi do raio ardente » (Écloga I : Obras, II, 3) tem vagas semelhanças com os « cedros » que « a voz de Javé despedaça » (Sl 29,5) ou com as « florestas » desfolhadas pela mesma trovoadá (Sl 29,9). O confronto de « mil anos » com « uma hora » (Soneto : *Tanto de meu estado me acho incerto* : Obras, I, 199) ainda é mais arrojado que o do salmista :

« Pois, aos teus olhos, mil anos são como um dia,
como o dia de ontem que passou,
como uma vigília da noite » (Sl 91,4)

A. de Azevedo Pires⁹ aproxima uma das mais enteneceadoras passagens de *Sôbolos rios* com o Sl 114,3-4 :

*Frauta minha que, tangendo,
Os montes fazieis vir
P'ra onde estáveis correndo,
E as águas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir*

(Obras, I, 104)

Seria um eco de :

« O Jordão tornou atrás.
Os montes saltaram como carneiros,
as colinas como borregos ».

⁷ P. HUMBERT, *Recherches sur les sources égyptiennes de la littérature sapientiale d'Israël*, Neuchâtel 1929, pp. 75 e ss. ; *Le modernisme de Job*, em M. NOTH/D. WINTON THOMAS (ed.), *Wisdom in Israel and in the Ancient Near East* (VTS 3), Leiden, 1969², p. 152.

⁸ Cf. S. DA ROCHA LIMA, *Influências bíblicas em Camões*, em *Revista de Guimarães* 58 (1958) 311-312 ; J. NUNES CARREIRA, « *Os Lusíadas* » e o *Antigo Testamento*, em *Arquipélago, Série Ciências Humanas*, 3 (1981) 222.

⁹ *O. c.*, p. 223.

Mas, tanto em *Sôbolos rios* como na *Écloga II*,

*Este rio, que passa deleitoso,
Tornando por detrás, irá negando
À natureza o curso pressuroso*

(Obras, II, 40)

ou ainda, na batalha de Aljubarrota de *Os Lusíadas*, onde o

*Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso*

(IV, 28)

pode estar simplesmente a mesma arrojada liberdade poética que faz retinir a « trombeta castelhana » num raio de centenas de quilómetros, da Estremadura portuguesa até ao galego « monte Artabro ».

Não é preciso sofrer de adoentada ou alucinada fantasia para sentir as aproximações. Mas daí a concluir por influências directas e conscientes vai um passo mui ousado, tão ousado que supera a minha coragem de leitor crítico.

Não obstante o contacto vocabular e a singularidade da imagem, diria o mesmo da *Écloga I* :

*Não se dependuraram dos salgueiros
As cabras, de tristeza*

(Obras, II, 8)

— Quem poderá garantir o contacto, mesmo inconsciente, com

« Nos salgueiros do meio dela
pendurámos nossos instrumentos musicais »

(Sl 136 [137], 2 segundo a Vulgata) ? !

E não entro nas referências certas sem aludir a um passo da célebre Canção IX (*Junto de um seco, fero e estéril monte*), que me trouxe à mente um não menos célebre oráculo de Isaías (1,4-9).

Nas costas da Arábia, o Poeta dá expressão à saudade da pátria longínqua. Sente que

*Aqui alma cativa,
chagada toda, estava em carne viva*

(Obras, II, 290-291)

Perante uma Judeia devastada e humilhada pelas tropas do assírio Senaquerib (em 701 a. C.), o vate de Jerusalém exclama :

« Da planta dos pés ao cimo da cabeça
nada está intacto :
Contusões, feridas e chagas vivas,
nem pensadas nem ligadas,
nem amaciadas com azeite. »

(Is 1,6)

É claro que não se podem confrontar os textos senão com base no sentido. Traduzi *makkah teriyyah* por « chagas vivas » como podia escrever « feridas abertas ».

2. ALUSÕES EXPLÍCITAS

O « homem » (*'adam*) primordial da narrativa javeísta da criação e queda (Gn 2-3), baptizado logo aí de « Adão » pelos mais antigos tradutores (LXX)¹⁰, entra em cena muito de fugida. Mira-se retrospectivamente da cruz de Cristo :

*As santíssimas barbas de Deus vivo
De resplendor ornadas, lhe arrancavam
Para desempenhar Adão cativo*

(Elegia VI : Obras, II, 226)

*Pero o misero Adão, que ali bebia
Na fonte que do peito lhe manava*

(Elegia VI : Obras, II, 228)

Evoca-se (sem se mencionar) Adão, ainda de passagem, num belo cântico ao amor :

*Amor é um brando afeito
Que Deus no mundo pôs e a Natureza
Pera aumentar as cousas que criou.
De Amor está sujeito
Tudo quanto possui a redondeza ;
Nada sem este afeito se gerou.
Por ele conservou
A causa principal o Mundo amado
Donde o pai famulento foi deitado.*

(Écloga VII « dos Faunos » : Obras, II, 101)

¹⁰ Seguidos mais tarde pela Vulgata. Quando não vem precedida de preposição, a forma constante de Gn 2-3 é *hā'ādām*, com artigo, que apenas se apõe a nomes comuns. Como, por outro lado, só em Gn 5,2 (P) « Deus lhes chamou Homem (Adão) », é um anacronismo antecipar o nome próprio em Gn 2-3. Camões, seguindo a Vulgata, tem de chamar « Adão » ao protagonista daquelas narrativas primordiais.

« Entenda-se : *Onde o pai famulento* (ou seja Adão) *foi posto* », escreve Hernâni Cidade em nota de roda-pé.

Não vi outras referências a Adão em toda a lírica. O « homem » primordial tem aqui um papel mais apagado do que n'Os *Lusíadas*. Na epopeia, contracenava a narrativa de Éden com o mito das Idades do Mundo das fontes clássicas. Adão era « aquele insano cujo pecado e desobediência ... /.../, doutro estado mais que humano / da quieta e da simples inocência, / idade d'ouro, tanto te privou / que na de ferro e d'armas te deitou (IV, 98) ¹¹. Na lírica, as fontes clássicas são senhoras absolutas do terreno. As degradações da cultura humana explicam-se suficientemente com a etiologia das Idades do Mundo. A mudança do « estado seguro firme do tempo » nada tem a ver com Adão. É falta exclusiva de Saturno.

*Vivia então a gente moderada ;
Sem ser a terra arada, dava pão ;
Sem ser cavado, o chão as frutas dava ;
Nem chuva desejava, nem quentura :
Supria então Natura o necessário,
Pois quem foi tão contrário a esta vida ?
— Saturno, que, perdida a luz serena,
Causou que, em dura pena desterrado,
Fosse do Céu deitado, onde vivia,
Porque os filhos comia que gerava.
Por isso se mudava o Tempo igual,
Em mais baixo metal ; e assi decendo
Nos veio, enfim, trazendo a este estado ...*

(Écloga II : Obras, II, 30)

A torre de Babel (Gn 11,1-9) aparece a Camões como símbolo favorito da confusão. Topamo-la n'Os *Lusíadas* (IV, 64 ;

¹¹ Cf. J. NUNES CARREIRA. o. c., pp. 229-231.

VI, 74 ; VII, 45)¹², na lírica e até numa carta de Lisboa¹³. Só o teatro a ignorou. É a « confusão de Babel » (Obras I, 103), e « esta confusão » (Obras, I, 114) de *Sôbolos Rios*.

Babilónia era também o lugar do desterro de má memória, nostálgicamente evocado no belo Sl 137. O episódio longínquo das origens mistura-se à lembrança do cativo e das saudades de Sião :

*Cá nesta Babilónia, onde mana
Matéria a quanto mal o mundo cria,
Cá onde o puro Amor não tem valia,
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana ;*

*Cá, onde o mal se afina e o bem se dana,
E pode mais que a honra a tirania ;
Cá, onde a errada e cega Monarquia
Cuida que um nome vão a Deus engana ;*

*Cá neste labirinto, onde a nobreza
Com esforço e saber pedindo vão
As portas da cobiça e da vileza ;*

*Cá neste escuro caos de confusão,
Cumprindo o curso estou da Natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião !*

(Obras, I, 256-257)

O « labirinto », o « caos de confusão » e o « enganar » a Deus com um « nome vão » vêm claramente da torre de Babel. Com essa aventura, os construtores queriam ganhar « nome » (Gn 11,4). Mas Deus não se deixou enganar. Desceu do céu

¹² Cf. *ibid.*, p. 232.

¹³ *Obras completas*, III, Lisboa, 1972³, p. 225 : « Deste dilúvio houveram algũas destas damas medo e edificaram ùa torre de Babilónia, onde se acolheram ; e vos certifico que são já as línguas tantas, que cedo cairá, porque ali vereis Mouros, Judeus, Castelhanos, Leoneses, frades, clérigos, casados, solteiros, moços e velhos. »

e confundiu as línguas (Gn 11,5-9). A última linha do soneto voa, porém, à terra do exílio e ao Sl 137,5¹⁴.

A História dos Patriarcas toca dois pontos das quais só um é de autenticidade incontroversa. Compensa a dúvida a grande elevação estética do soneto indiscutivelmente camoniano. As dúvidas recaem sobre umas oitavas (IV)¹⁵ publicadas na edição de 1616, em forma de « Petição feita ao regedor de ãa moça presa no Limoeiro da cidade de Lisboa, por se dizer que fizera adultério a seu marido, que era na Índia ».

¹⁴ Correram em nome de Luís de Camões nada menos de cinco sonetos sobre Babel/Babilónia. impressos em várias edições das *Rimas* :

Em Babilónia sobre os rios, quando (1685) ;
De Babel sobre os rios nos sentámos (1685) ;
Sobre os rios do reino escuro, quando (1685) ;
Na ribeira do Eufrates assentado (1668) ;
Cá nesta Babilónia donde mana (1616).

Os três primeiros são tidos por inautênticos, cf. A. SALGADO JÚNIOR, *Camões e « Sôbolos rios »*. Ensaio de interpretação destas redondilhas, separata de Labor, X, Aveiro, 1935, p. 5, que acrescenta : « Os dois últimos continuam a ser atribuídos a Camões, mas pode bem ser que a inserção de qualquer deles na lírica camoniana provenha, como para os três primeiros, do facto de ter Camões aproveitado o mesmo Salmo para a composição de *Sôbolos rios*. » R. BISMUT, *La lyrique de Camões*, Paris 1970, p. 287 dá a autenticidade de *Cá nesta Babilónia donde mana* como certa, em virtude da semelhança de inspiração com *Sôbolos rios*. *Na ribeira do Eufrates assentado* seria de autenticidade duvidosa : sem se poderem declarar abertamente apócrifos, « são suficientemente suspeitos » (*ibid.*, p. 317). Mas, se há soneto de aproximar com *Sôbolos rios*, é precisamente o último, onde o tema do Salmo não se mistura ao da torre de Babel.

¹⁵ Faria e Sousa negou redondamente, embora por razões subjectivas, que as oitavas fossem de Camões ; cf. H. Cidade, em L. DE CAMÕES, *Obras completas*, II, 190, Nota. Aí fica a reserva.

Depois de culpar os « parentes descuidados, que, vendo-a sem amparo e sem abrigo, /.../ a deixaram tão só nesta cidade / batalhando co'a vil necessidade », pergunto o poeta :

*Pois bem houvera aí, que não cáira,
Vendo-se em tal extremo, em tal miséria ?
Qual Artemisa aqui não consentira ?
Qual romana Semprónia, ou qual Valéria ?
E qual Lucrecia fora que isto vira,
Que não rendera o jugo à vil matéria ?
Qual tebana Timóquia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulisses se negara ?*

(Obras, II, 194)

Com o ecumenismo literário largamente praticado n'Os *Lu-siadas* Camões submerge no vasto rol de modelos clássicos de fidelidade conjugal a « linda Sara » das lendas patriarcais do Génesis. Só não se identifica tão facilmente a fonte veterotestamentária como na epopeia (III, 140), em que era expressa a ligação ao « faraó » e, com isso, à narrativa javeísta (Gn 12,10-20) ¹⁶.

Ora a manha de Abraão fazendo passar Sara por irmã foi estampada no Génesis em dois relatos paralelos. A hebreia sai maravilhosamente intacta do harém real, tanto no Egipto (Gn 12,10-20 J), como no sul da Palestina, em Gerar (Gn 20,1-18 E). Impossível dizer qual das narrativas bíblicas se encontra por detrás da referência a Sara, nas oitavas.

Outro quadro da história patriarcal feriu a retina poética de Camões : Jacob a servir Labão na Mesopotâmia para ganhar a mão de Raquel. Já Dante e Petrarca haviam dedilhado o tema. Não foram os únicos nem os últimos. « Poetas de todas as nacionalidades cantaram e contaram, desde os primeiros alvares da lírica moderna até aos nossos dias, incidentalmente, ou em obras especiais, as lendas de Jacob, de Raquel e de

¹⁶ J. NUNES CARREIRA, *o. c.*, p. 237.

Lia »¹⁷. Camões foi « o primeiro a dar fama nacional ao sucesso de Raquel e Lia ; o primeiro a vasar o drama inteiro em forma de monólogo ; o primeiro, enfim, que vestiu aos tipos bíblicos a roupagem clássica do *Soneto*, sempre foi o poeta lusitano »¹⁸. Ouçamo-lo, pois :

*Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela ;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prémio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la¹⁹ ;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.*

*Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi²⁰ negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,*

*Começa de servir outros sete anos,
Dizendo : — Mais servira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida !*

(Obras, I, 194-195)

Aqui está, em síntese expressiva, Gn 29,15-30. O ápice atinge-se nos versos finais, transformação e transfiguração

¹⁷ C. MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, *Sette annos de pastor Jacob servia*, Círculo camoniano, Porto 1889, p. 149.

¹⁸ *Ibid.*, p. 150. O soneto espalhou-se em Portugal e na Espanha provavelmente ainda antes da primeira impressão das *Rimas*, em 1595. Conheceram-no e apreciaram-no Lope de Vega, Baltasar Gracian, Quevedo, Alarcon, Trillo y Figueiroa além-raia ; do lado de cá, Leitão de Andrada, Bacelar, Francisco Manuel de Melo. O único seiscentista que não se deixou impressionar por esses versos foi Faria e Sousa, que só nas últimas linhas reconhecia algum « asseio ». Cf. *ibid.*, p. 151.

¹⁹ Igual à restituição textual de C. MICHAËLIS DE VASCONCELOS, *ibid.*, p. 152.

²⁰ « Assi lhe era », na mesma restituição, *ibidem*.

poética de Gn 29,20 : « e pareciam-lhe (esses sete anos) alguns dias, tanto ele a amava »²¹, que se aplicavam aos primeiros sete anos, frustrados, de que obteve Lia. Aliás, já a prosa bíblica estava carregada de poesia : o Génesis descreve a existência dos patriarcas em « cenas pitorescas e encantadoras », entre as quais as da pastora Raquel e de Jacob e Labão²².

Já se atribuiu Gn 29,15-30 à fonte E (Eloísta). Mas hoje tende-se a ver aí a mão de J (Javeísta)²³, « não só o escritor bíblico mais dotado, mas uma das maiores figuras da literatura mundial »²⁴.

Do norte da Mesopotâmia passemos ao Sinai. Deixemos o Génesis e entremos na longa marcha do deserto, de que se ocupa a segunda parte do Livro do Êxodo, o Levítico e os Números.

*Nós somos a geração a Deus dicada
Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
Do gentilico culto ser tocada.*

(Elegia VIII : Obras, II, 238)

Alude-se provavelmente à oferta da aliança, pouco antes da teofania do Sinai (Ex 19,3-8), precisamente ao v. 6 : « farei de vós um reino de sacerdotes e uma nação consagrada ». A restrição (« provavelmente ») é exigida pelo facto de essa

²¹ Na Vulgata usada por Camões : *et videbantur illi pauci dies prae amoris magnitudine.*

²² R. DE VAUX, *Les patriarches hébreux et les découvertes modernes*, em RB 56 (1949) 5 = ID., *Die hebräischen Patriarchen und die modernen Entdeckungen*, Düsseldorf 1961, p. 55.

²³ Cf. E. A. SPEISER, *Genesis* (AB 1), Garden City, N. Y., 1964, pp. 225-226.

²⁴ *Ibid.*, p. XXVII, que continua : « If so much in the Book of Genesis remains vivid and memorable to this day, the reason is not merely the content of the tales but, in large measure as well, the machtleless way in which J has told them. »

passagem ser repetida e comentada no Novo Testamento (1 Ped 3,9 ; Ap 1,6). Abona em favor da fonte veterotestamentária como ponto de referência de Camões a proximidade de Aarão, de quem se afirma :

*Vereis Aarão, que não se contamina
Sobre os montes seus, que defendida
A dor lhe foi da santa disciplina.
Não chega a ver parentes que da vida
Partidos são, que na alma a Deus agrada
Que nenhuma aflição do mundo impida.*

(Elegia VIII : Obras, II, 238)

Dedicando o poema « à morte de D. Miguel de Menezes », Camões pretende demonstrar teologicamente que « o verdadeiro sábio está seguro / de leves alegrias e de espanto, / de dor que turba da alma o licor puro » (Obras, II, 238). A mitologia clássica, a autoridade do cínico Diógenes, os poemas de Ovídio e a razão natural talvez não sejam convincentes :

*Se esta doutrina credes que é profana,
Ponde os olhos na nossa que é divina,
E sobre todas santa e soberana.*

(Elegia VIII : Obras, II, 238)

É nesta altura que puxa do argumento escriturístico, a que segue o dos Padres :

*Se dos antigos Padres já se escreve
Que, chorando, aos mortos enterraram
Com dor e pranto público, e não leve*

(Elegia VIII : Obras, II, 238)

A intrepidez de Aarão perante a morte dos filhos Nadab e Abihu e a proibição de expressar o luto por eles baseiam-se em Lv 10,1-12. Lv 21,1 corrobora : « Nenhum deles (filhos de Aarão) se tornará impuro junto ao cadáver de um dos seus ». Para explicar a passagem camoniana bastaria Lv 10,6, onde

Moisés diz a Aarão e a seus filhos Eleázar e Itamar : « Não solteis os vossos cabelos e não rasgueis as vossas vestes, vós não morrereis ». Perante os « parentes (filhos) que da vida partidos são », « Aarão ficou mudo » (Lv 10,3). A literatura rabínica acrescentará que o silêncio foi largamente recompensado ²⁵.

Do Livro de Josué evoca a lírica camoniana dois episódios, e bem espectaculares. Deu-se primeiro na fossa do Jordão, frente às muralhas de Jericó. Na redacção definitiva da tomada de Jericó, misto de acção de guerra armada (precedida de espionagem) e de celebração litúrgica, as muralhas caem por si mesmas, como um baralho de cartas, ao toque das trombetas processionais (6,1-21, especialmente v. 20). A realidade deve ter sido menos festiva. Mas fiquemo-nos pela leitura acrítica e vejamos o seu eco em Camões. É nas oitavas (III) « sobre a seta que o Santo Padre mandou a el-Rei D. Sebastião, no ano do Senhor de 1575 » :

*O querido de Deus, por quem peleja,
O ar também e o vento conjurado,
Ao atambor acode, por que veja
Que quem a Deus ama é de Deus amado ;
.....
.....
.....
Que assi deu já favor maior que humano
A Josué hebreu, Teodósio hispano.*

(Obras, II, 188)

²⁵ « ... e recebeu uma medida de justiça » (= uma recompensa justa, Neofiti 1) ; « Aarão ouviu e calou-se, e recebeu uma boa recompensa pelo seu silêncio » (Pseudo Jónatan). Cf. Rabba XII, 2 e L. GINSBERG, *The Legends of the Jews*, III, Philadelphia 1968, p. 190 : « Aaron could not take part in the burial of Nadab and Abihu, for a high priest is not permitted to take part in a funeral procession, even if the deceased be a near kinsman ». Devo estas referências ao Prof. A. Diez Macho, do Departamento de Hebreu e Arameu, Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade Complutense, Madrid.

No Livro de Josué, há grito de soldados e som de trombetas. Em Camões « ar » e « vento conjurado » a acudir ao « atambor ». Em ambos, vitória fácil.

Alude também Camões ao episódio da batalha de Gabaon, em que para mal de muitos intérpretes e sobretudo de Galileo Galilei, condenado a 24 de Fevereiro de 1616 por defender a teoria de Copérnico, Josué manda parar o Sol (Jos 10,12)²⁶. É o que se supõe na Écloga V, « a D. António de Noronha »:

*Tu eras nosso sol mais desejado ;
 Não temos luz depois que nos deixaste.
 Torna, meu claro sol ! Vem já, meu bem !
 Qual é o Josué que te detém ?*

(Obras, II, 72)

Existia numa igreja de Lisboa — diz Faria e Sousa — uma relíquia, um braço, de S. Sebastião, considerado protector contra a peste²⁷. Não admira que nas mesmas oitavas o pensamento de Camões voasse para o santo do nome do soberano português, para a sua relíquia de Lisboa e para a peste que grassou em Israel por ocasião de um censo populacional de David (2 Sam 24,1-17 / 1 Crón 21,1-17) :

*Já por sorte do Céu, que o consentiu,
 Tendes o braço seu, relíquia cara,
 Defensor contra o gládio que feriu
 O povo que David contar mandara.*

(Obras, II, 187)

²⁶ O autor bíblico não garante que assim tenha acontecido. Limita-se a citar uma fonte literária, para mais poética, o *Livro do Justo*, aliás perdido. E quem negará ao poeta hebraico as liberdades poéticas dos seus confrades de outras línguas ou ao autor do *Livro de Josué* a liberdade de o citar ?

²⁷ Cf. L. DE CAMÕES, *Obras completas*, II, 187, nota ; A. J. A. MACHADO GONÇALVES, *O Velho Testamento na obra de Camões*, em *Boletim do Instituto Vasco da Gama* 79 (1960) 52.

Como no caso de Sara, a fonte veterotestamentária existe em duplicado. O que impede de dizer em qual das duas versões se inspirou o lírico quinhentista. A familiaridade com a Obra Histórica Deuteronomista patenteada n'Os *Lusíadas* inclinam-nos a pensar que a fonte de Camões será provavelmente o Segundo Livro de Samuel. Mas não se podem ultrapassar os limites da probabilidade. Certo é que Camões espera da relíquia de S. Sebastião o mesmo efeito contra a peste que a penitência de David e o braço protector do *mal'āk Yhwh* proporcionaram aos Judeus. O adultério de David com Betsabé (2 Sam 11-12), exemplo de «vício vil» e «baixo amor» segundo Os *Lusíadas* (III, 140), evoca-se no *ABC em motes* :

*Betsabé, com seu prazer,
A el-Rei David cegou*

(Obras, I, 166)²⁸

Com David, foi seu filho Salomão a figura mais importante da história e da literatura do Antigo Testamento. David consolidou o reino de Judá, estabeleceu a união pessoal com as tribos setentrionais (Israel), incluiu nas fronteiras do reino unido Edom, Moab e Ammon. Até Damasco e Filisteus sentiram o seu jugo. Foi um pequeno império, o único que alguma vez conglomerou uma constelação de reinos e principados na antiga Síria. David edificou. Salomão foi o «venturoso» que usufruiu a prosperidade, o esplendor e a paz (*šalom*) proclamada pelo seu nome. David veio a patrocinar toda a literatura salmódica de Israel. A Salomão se atribuiu tudo o que no Antigo Testamento passava por criação sapiencial, até o Livro da Sabedoria escrito em grego (!) uns novecentos anos depois. Os Deuteronomistas deixaram bem claro o apreço em que tinham a sabedoria de Salomão : sabedoria do governo (1 Re 3,4-12), sabedoria lírica e científica (1 Re 5,9-14 = Vg 4,29-34), sabedoria

²⁸ L. DE CAMÕES, *Obras completas*, II, 187, em nota, recorda-se que estes versos faltam na edição de 1668.

dos enigmas (1 Re 10,1-10). E não devem ter dado tantas largas à fantasia, tudo inventando « para maior glória de Salomão », como imaginam alguns modernos²⁹.

Ignorando obviamente as discussões críticas do nosso século, Camões bebia a largos sorvos a tradição dos antigos, como se vê na alusão a

*O Rei famoso hebreio
Que mais que todos soube, mais amou ;
Tanto, que a deus alheio
Falso sacrificou ;
Se muito soube e teve, muito errou.*

(Ode X : Obras, II, 153)

Bela enumeração dos traços essenciais da personalidade de Salomão : sabedoria (1 Re 3 ; 5 ; 10), fausto e riquezas (1 Re 5,1-5), mulheres e culto idolátrico por amor delas (1 Re 11,5-9). A menção do « deus alheio » talvez suponha grande familiaridade com a Obra Histórica Deuteronomista, que tanto fustigou essa praga da religião popular de Israel, e não apenas a leitura dos trechos que citei.

Com um salto de vários séculos (mesmo para a exegese tradicional), embatemos nas últimas figuras « históricas » do

²⁹ Cf. M. NOTH, *Die Bewährung von « Salomons göttlicher Weisheit »*, em M. NOTH/D. WINTON THOMAS (ed.), *o. c.*, pp. 225-237. R. Y B. SCOTT, que em *Solomon and the Beginnings of Wisdom in Israel* (1955), *ibid.*, pp. 262-279 fora mais que reticente quanto ao valor histórico de 1 Re 3,4-12 ; 5,9-14 e 10,1-10 (notícias lendárias, fantasistas e folclóricas), confessa uma década mais tarde (*Proverbs. Ecclesiastes — AB 18 — Garden City, N. Y., 1965*) que já no tempo de Salomão « *Wisdom literature was cultivated in the royal court* » (p. 12) e que, embora as provas não sejam apodíticas, é possível que muitos dos provérbios atribuídos no Antigo Testamento a Salomão « *originated among the Wisdom teachers of Solomon's court, and that many of the examples we have were composed by them, or even by the king himself under their instruction* » (p. 13).

Antigo Testamento mencionadas na lírica camoniana — Judite e Holofernes :

*Judit, que o duro Holofernes
Degolou*

(ABC em motes : Obras, I, 170)

Ninguém sabe a que período histórico viemos dar, pois o Livro de Judite é nisso tão confuso que nem merece o nome de romance histórico³⁰. Do que não há dúvida é que viemos parar fora do cânone hebraico. De original semítico perdido, nem sequer aceite por S. Jerónimo que o traduziu numa escassa noite (« unam lucubратиunculam ») a pedido de um amigo, o livro tem em Judite e Holofernes os protagonistas principais. O encontro trágico entre a judia bela e o militar sensual é ápice da acção dramática (cc. 10-13). Aí se inspirou Camões, como muitos artistas plásticos ao longo dos tempos.

Da literatura sapiencial só o Livro de Job está representado na lírica camoniana. Uma alusão passageira desliza quase imperceptível em *Sôbolos rios* :

*A pena deste desterro
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro*

(Obras, I, 110)

« Em pedra » retoma simplesmente *in silice*, o « ferro » adapta o *stylo ferreo* e o « esculpida » não é mais do que o participio passivo corresponde ao *sculptantur* de Job 19,24, na Vulgata.

³⁰ Sobre os problemas essenciais, sobretudo literários, desse dêutero-canónico do Antigo Testamento cf. J. NUNES CARREIRA, *O género literário de « Judite » e os Macabeus*, em *Didaskalia* 3 (1973) 215-230. Nos nomes de Holofernes e Bagoas ecoam vagas alusões a campanhas militares de Artaxerxes III (358-338 a. C.).

Mais marcante é a presença do capítulo 3 que inspirou todo um soneto :

*O dia em que eu nasci moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar ;
Não torne mais ao Mundo, e, se tornar,
Eclipse nesse passo o Sol padeça.*

*A luz lhe falte, o Sol se [lhe] escureça,
Mostre o Mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao próprio filho não conheça.*

*As pessoas pasmadas, de ignorantes,
As lágrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o Mundo já se destruiu.*

*Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao Mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu.*

(Obras, I, 305)

Da proverbial « paciência de Job » nem rasto. A verdade é que essa paciência só a conhecem dois capítulos (Job 1-2). Camões deixou essa prosa introdutória e buscou no poema a sua fonte de inspiração. Não copiou nem traduziu o longo capítulo. Arrancou da proposição *Pereat dies in qua natus sum* e desenvolveu-a como a tema musical. O protagonista bíblico irrompe numa espécie de « rugido infernal de monstro ferido » (J. Steimann). Quer que se risque do calendário o dia em que nasceu. Risque-se a noite em que foi concebido. Transforme-se em trevas o dia do nascimento.

Camões adapta o *dies ille vertatur in tenebris* : « A luz lhe falte, o sol se [lhe] escureça ». E amplia o horror patético das trevas : « eclipse », « monstros », « sangue chova o ar », escuridão tamanha que « a mãe ao próprio filho não conheça ». Dois grandes poetas — o autor de Job e Camões. O bíblico mais

barroco, o português esculturalmente clássico. Entre um e outro poderíamos colocar o romântico Jeremias³¹.

Chegamos aos Salmos. Camões não esvoaçou por esses cento e cinquenta trechos poéticos, a colher inspiração em muitos deles. Respirou um ou outro de passagem. Fixou-se meditando « junto aos rios de Babilónia » (Sl 137) e dali não arrancou, sorvendo até ao fundo o lirismo e a nostalgia das saudades de Sião. Nem admira a magreza quantitativa da colheita. É que de todos os salmos, distribuídos por H. Gunkel em catorze géneros literários, só um (Sl 45) merece o nome de « cantiga de amor » em estudo recente³². Dele glosou Camões um versículo inteiro, atraído não tanto pelo conteúdo intrínseco do epitalâmio real como motivado pela « seta »

³¹ « Maldito o dia em que eu nasci !
 Não seja abençoado o dia em que fui dado à luz !
 Maldito o homem que levou a notícia a meu pai
 e que o encheu de alegria ao dizer-lhe :
 nasceu-te um menino, um filho varão.
 Seja esse homem como as cidades
 que Javé aniquilou sem piedade !
 Ouça gritaria de manhã
 e fragor de batalha ao meio dia !
 Porque não morri antes de nascer ?
 Quem dera que o seio materno tivesse sido meu túmulo
 e eu ficasse uma gravidez eterna !
 Porque saí do seu ventre ?
 Só para ver tormentos e misérias,
 e consumir meus dias na confusão ? »

(Jer 20,14-18)

³² O. LORETZ, *Studien zur althebräischen Poesie. I: Das althebräische Liebeslied*. Untersuchungen zur Stichometrie und Redaktionsgeschichte des Hohenliedes und des 45. Psalms (AOAT 14/I), Neukirchen-Vluyn 1971.

enviada pelo papa a D. Sebastião. Reza assim o v. 6 na Vulgata :

*Sagittae tuae acutae,
populi sub te cadent
in corda inimicorum regis*

Em versão livre de Camões :

*Que as vossa setas são na justa guerra
Agudas, e entrarão por derradeiro
(Caindo a vossos pés povo sem lei)
Nos peitos que inimigos são do Rei*

(Obras, II, 187)

As palavras-chaves deslizam na mesma ordem e função : *sagittae tuae acutae* pôs-se simplesmente em vernáculo — « as vossas setas são ... agudas » ; *sub te cadent* converteu-se muito propriamente em « caindo a vossos pés »³³ ; *in corda inimicorum regis* não podia dar coisa muito diferente de « nos peitos que inimigos são do Rei ».

Afloram dois salmos subtilmente em *Sóbolos rios*. É o

*Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes*

(Obras, I, 114)

onde ecoa, sem sombra de dúvida, o *Deleantur de libro viventium* do Sl 69,29 (cf. Ex 32,32 ; Is 4,2).

E é a

*Pedra, que veio a ser
Enfim cabeça do Canto*

(Obras, I, 117)

³³ Camões foi menos servil do que o tradutor latino em relação à sua fonte, ou já esta em relação ao hebraico. Cf. M. DAHOOD, *Psalms I*. 1-50 (AB 16), Garden City, N. Y., 1965, p. 272 : « *at your feet*. This version of *tahtekā* seems preferable to 'under you' ».

a imitar claramente o Sl 118,22 : *Lapidem quem reprobaverunt aedificantes, hic factus est in caput anguli*. A não ser que o lírico português tenha colhido a expressão numa das suas muitas citações no Novo Testamento (cf. Mt 21,42 ; Lc 20,17 ; Act 4,11 ; Rom 9,33 ; Ef 2,20 ; 1 Ped 2,7).

Mas nenhum trecho bíblico fez correr tantos e tão belos versos líricos a Camões como o Sl 137 (136 da Vulgata e dos LXX), uma das mais emocionantes peças do Saltério. Da evocação nostálgica das agruras e humilhações do exílio de Babel, o poeta hebreu volta-se para Jerusalém e maldiz quantos colaboraram na sua destruição. Aí bebeu Camões parte do soneto que mistura as duas Babilónias, a da torre e a do exílio³⁴. Aí afinou a lira, para cantar :

*Na ribeira do Eufrates assentado,
Discorrendo me achei pela memória
Aquele breve bem, aquela glória,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.*

*Da causa dos meus males perguntado
Me foi : — Como não cantas a história
De teu passado bem, e da vitória
Que sempre de teu mal hás alcançado ?*

*Não sabes que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave rigoroso ?
Canta, pois, e não chores dessa sorte.*

*Respondo com suspiros : — Quando cresce
A muita saudade, o piadoso
Remédio é não cantar senão a morte.*

(Obras, I, 287)

Aí mergulham, como em fonte cristalina e saltitante, as setenta e três quintilhas « divinas »³⁵ de *Sôbolos rios*, que

³⁴ Ver *supra* pp. 297-298.

³⁵ O adjectivo é de Aubrey Bell, citado em (J.) MENDES DOS REMÉDIOS, *Camões poeta da fé*, Coimbra 1924, p. 18.

pela extensão e pelo conteúdo exigem referência à parte e merecem estudo próprio³⁶.

No soneto ora citado, ressoam *Super flumina Babylonis* (« Na ribeira do Eufrates »), *flevimus* (« não chores »), *recordaremur* (« minha saudade ») e *Sion* (« doce Sião ») do v. 1 ; *verba cantionum* (v. 3), *canticis* (v. 3) *canticum* (v. 4) nas várias formas de « cantar » : « Como não cantas » ... « a quem canta » ... « canta, pois » ... « não cantar senão a morte ». As imprecações (vv. 5-6) e desejos de vingança (vv. 7-9) não tiveram o mesmo efeito que a estrofe das saudades de Sião em Babilónia

Aqui terminam as evocações de passagens seguras e bem identificadas do Antigo Testamento na lírica camoniana.

O grande *corpus* de oráculos e livros proféticos ficou praticamente esquecido. Há só duas referências globais. « Profetas » e « profecias » assomam retrospectivamente na Elegia VI :

*Sendo tu dos Profetas a certeza,
Dizem que quem te fere profetizes.*

(Obras, II, 226)

Mais adiante :

*E agora, por cumprir as profecias
Pelos Profetas santos declaradas,
Te vemos morto dentro em cinco dias*

(Obras, II, 257)

Antigo Testamento, sim. Mas em interpretação neotestamentária e cristológica. « Profetas » e « profecias » são garantias da dignidade messiânica de Cristo. Desnecessário mencionar qualquer arauto de Javé ou salientar uma passagem determinada. Como se todos os que ergueram a voz como profetas em Jerusalém e Judá, em Betel e Samaria, não fizessem mais que anunciar o Messias Jesus de Nazaré.

³⁶ O Salmo 137 e a estrutura literária de « Sôbolos rios » (a aparecer em Didaskalia, Lisboa).

Até um apócrifo do Antigo Testamento deu um argumento a Camões para provar o poder da virtude no livre arbítrio :

(como disse bem
A Dário rei o moço sábio e santo
Que foi reedificar Jerusalém)

(Oitavas [II] : Obras, II, 179)

O «moço sábio santo» é Zorobabel, da guarda pessoal de Dario segundo a pitoresca narrativa do III Livro de Esdras (cc. 3-4)³⁷.

³⁷ A Vulgata latina traz em apêndice os apócrifos do Antigo Testamento III e IV de Esdras. «Apócrifo» é um termo equívoco. Chega a empregar-se no sentido de «inautêntico» (cf. n. 14 *supra*, que o toma de R. Bismut). Etimologicamente, do grego ἀπόκρυφος, significa «escondido», «secreto». Como na Igreja apenas se liam publicamente os livros canônicos, «apócrifo» tornou-se sinónimo de «não-canónico». Dada a divergência de amplitude do cânone veterotestamentário católico e protestante, os reformados chamam «apócrifos» aos livros «dêutero-canônicos» dos católicos. Os «apócrifos» dos católicos são «pseudo-epigráficos» para os protestantes. A terminologia não é muito rigorosa, sobretudo a designação protestante de «pseudo-epigráficos», como reconhece o protestante O. EISSFELDT, *Einleitung in das Alte Testament*, Tübingen 1964³, pp. 776-777.

II - TEATRO

Escassíssima é a influência e muito discreta a passagem do Antigo Testamento pelo teatro de Camões.

Também me apraz confessar o encontro entre o dramaturgo de Quinhentos e o já nosso conhecido J das lendas patriarcalis. Encontro, porventura, inteiramente fortuito ... mas encontro, mesmo assim. Raquel na fonte é, na opinião de R. de Vaux³⁸, uma das « cenas pitorescas e encantadoras » de que está tecida a História dos Patriarcas. Tratava-se de arranjar noiva a Isaac. Abraão quis manter a pureza do sangue e mandou-a buscar à sua terra de origem, a Mesopotâmia do Norte, Aram Naharayim (Gn 24). Chega a caravana à cidade de Nahor, pára junto à fonte, nos arredores, pede e espera um sinal de Deus para designação da noiva. Lá se dá o encontro providencial com Rebeca, « filha de Betuel, filha de Milka, mulher de Nahor, irmão de Abraão » (Gn 24,15). « A jovem era muito bonita, uma virgem, que nenhum homem tocara. Desceu ao poço, encheu a bilha e voltou a subir. O criado (de Abraão) correu para ela e disse : ' Por favor, deixa-me beber um pouco de água da tua bilha '. ' Bebe, meu senhor ', respondeu ela ; e logo descendo a bilha até mão, deu-lhe de beber » (Gn 24,16-18).

Não será muito forçado aproximar a cena bíblica do *Auto chamado de Filodemo* em que Venadoro, « andando um dia no campo após um cervo, se perdeu dos seus ; e indo dar em ùa

³⁸ Cf. n. 22 *supra*. E. A. SPEISER, *o. c.*, pp. 182-183, comenta : « Against an idyllic background, the story is told in a series of delicately balanced scenes. As is typical of J, the principal characters — in this instance, the servant, Rebekah, and Laban — are shown in action rather than through description. And while certain particulars are restated in the epic manner (vss. 34-48), the repetition is never mechanical, but subtly varied ... »

fonte, onde estava Florimena, irmã de Filodemo ... encheu-se de amores por ela, que se não soube dar a conselho, nem partir-se donde ela estava, até que seu pai a não foi buscar »³⁹.

O cenário é idêntico — a « fonte ». Os « amores » de Venadoro evocam o contentamento do mensageiro de Abraão e sobretudo o enlevo de Isaac por Rebeca (Gn 24,67). O diálogo junto à fonte de Nahor tem a sua réplica :

*Se quereis água bebei ;
Se andais por dita perdido,
Eu vos encaminharei.*

(Obras, III, 189)

Rebeca era « virgem » ; Florimena por nada deste mundo troca a sua « castidade » :

*Também quem na serra mora
Tanto estima a honestidade
Que antes toma ser pastora,
Que perder a castidade
A troco de ser senhora.*

(Obras, III, 191)

Milka, a mãe, e Labão, o irmão, perguntam a Rebeca se aceita a proposta de casamento. « Queres partir com este homem ? » E ela responde : « Quero » (Gn 24,58). No *Auto de Filodemo*, sem intermediários, falam Venadoro e Florimena :

Venadoro
Consentis nisto, Senhora ?

Florimena
Senhor, em tudo consento.

(Obras, III, 207)

³⁹ L. DE CAMÕES, *Obras completas*, III, 129.

Longe de mim bater-me pela influência, mesmo remota e inconsciente, da narrativa javeísta em Camões. Mas aí fica a comparação.

Menções directas e explícitas do Antigo Testamento no teatro de Camões só encontro duas. O *Auto dos Enfatriões* vê em Job um homem de lamentos :

*E pera que houvesse dó
De mi e de minha fé,
Lamentei-lhe como Jó.*

(Obras, III, 20)

Pela boca de Feliseu, Camões busca apoio numa das mais dramáticas personagens do Antigo Testamento — Job. Estampa-se a figura, não se lança mão de nenhuma passagem concreta do livro que em seu nome corre. E não é o paciente varão de Hus, imperturbável na sua fé, perdesse filhos ou riquezas, perdesse a saúde ou a consideração de emir oriental, sofresse as investidas de Satã (procurador-geral da justiça divina e ainda não diabo) ou da mulher (Job 1-2). É o impertinente, ousado e quase blasfemo questionador de Deus, da sua providência e da sua justiça, o Job que se « lamenta ». E com esta caracterização genérica, o dramaturgo português aponta para um dos géneros literários mais representados no poema de Job — a lamentação individual ⁴⁰.

⁴⁰ Job 3,3-26 ; 6,2-7,21 ; 9,25-10,22 ; 13,23-14,22 ; 16,6-17,9 ; 19,7-20 ; 23 ; 29,1-31-37 ; cf. M. H. POPE, *Job* (AB 15), Garden City, N. Y., 1965, p. LXVI.

No século XVI estava-se muito longe de perceber os géneros literários das literaturas pré-clássicas e nem se podia suspeitar da antiguidade e difusão do tema de Job, o justo sofredor, no Próximo Oriente antigo ; cf. *ibid.*, pp. L-LXVI ; J. J. STAMM, *Das Leiden des Unschuldigen in Babylon und Israel* (ATANT 10), Zürich 1946 ; S. N. KRAMER, « *Man and his God* ». A Sumerian variation on the « Job » motif, em M. NOTH/D. WINTON THOMAS (ed.), *o. c.*, pp. 170-182 ; *A História começa na Sumeria*, trad., Lisboa 1963, pp. 145-149. Sobre as convergências do Livro

O *Auto de El-Rei Seleuco* puxa dum Salmo e em latim :

*Vinum laetificat cor
Hominis*

(Obras, III, 118)

É o Sl 104,15, provavelmente numa lição corrompida da Vulgata ⁴¹.

de Job com a literatura egípcia apontam-se as afinidades do c. 31 com o Livro dos Mortos (c. 125) e do c. 38 com a « sabedoria » dos *onomastica* ; cf. G. VON RAD, *Hiob 38 und die altägyptische Weisheit*, em M. NOTH/D. WENTON THOMAS (ed.), *o. c.*, pp. 293-301 = G. VON RAD, *Gesammelte Studien zum Alten Testament* (TB 8), München 1961, pp. 262-271. Passando para a cultura clássica, já se comparou o drama de Job bíblico às tragédias gregas : R. LOWTH, *De sacra poesi Hebraeorum*, Göttingen 1758, discurso XXXVIII; H. M. KALLEN, *The Book of Job as a Greek Tragedy Restored*, 1918 (uma imitação de Eurípides, com coro e desfecho através do « deus ex machina »).

⁴¹ Que enumera Sl 103,15 e lê *et vinum laetificet cor hominis*.

CONCLUSÃO

Relativamente escassas são as pedras do Antigo Testamento no mosaico da poesia lírica de Camões. Nos géneros líricos maiores, lá riscam, a espaços, a paisagem vultosa famosa dessa fonte literária, pobres riachos a desaguar no caudal farto de erudição clássica : « o pai famulento » (Adão) olhado da cruz de Cristo, a « linda Sara » das lendas patriarcais (Gn 12,10-20 J ; 20,1-8 E), Aarão das leis cúlticas do Sinai (Lv 10), Josué das gestas heróicas da conquista (Jos 6,10), David (2 Sam 24 / 1 Crón 21) e Salomão (1 Re 3 ; 5 ; 10) dos tempos venturosos do império. Lá vem Zorobabel, « o moço sábio e santo que foi reedificar Jerusalém », do apócrifo III de Esdras. No prado ameno dos sonetos e redondilhas, despontam, como flores silvestres, « Raquel, serrana bela », Lia pouco atraente (Gn 29) e uma Judite quase provocante (Jdt 10-13) ; aí está Labão manhoso e Jacob apaixonado, David louco de amor por Betsabé (2 Sam 11), Job irado contra o dia em que nasceu (Job 3). Mas nada fez vibrar tanto as cordas líricas de Camões como Babel, não tanto a cidade cosmopolita da torre famosa (Gn 11) mas a planura da « ribeira do Eufrates », onde os exilados carpiram mágoas e « saudades de Sião » (Sl 137).

Nos géneros líricos maiores predomina a grande história : do pai da humanidade ao restaurador de Jerusalém, passando pelo estóico fundador do sacerdócio israelita (Aarão), pelos guerreiros Josué e David, pelo « rei famoso hebreu » que « se muito soube e teve, muito errou » (Salomão). Quase tudo tomado dos livros historiográficos do Antigo Testamento (Génesis, Josué, Samuel, Crónicas, Reis).

Sonetos e redondilhas bebem mais a poesia dos Salmos⁴² e de Job, num mosaico de géneros literários : lamentação indi-

⁴² Grande admirador dos Salmos foi também o moderno poeta alemão Rainer Maria Rilke : « Ich habe die Nacht einsam hingebracht ... und

vidual (Job 3 ; Sl 69), acção de graças individual (Sl 118), hino (Sl 104) e esse inconfundível e inclassificável Sl 137, próximo da lamentação colectiva, que se desdobrou em dois sonetos e setenta e três redondilhas. A lenda de Raquel e Lia tinha carga lírica suficiente para se moldar num belo soneto (*Sete anos de pastor Jacob servia*). O censo de David (2 Sam 24 / 1 Crón 21) foi parar a oitavas. Os amores adúlteros por Betsabé guarneceram a galeria do *ABC em motes*. Talvez fosse matéria frívola em demasia para um género lírico maior.

Os profetas têm uma existência inglória, apagada e efémera. Só duas referências globais e indirectas na Elegia VI. A parénese deuteronómica do *Éxodo* (19,3-8) não foi esquecida.

No teatro é que não há quase vestígio algum do Antigo Testamento. Só um Job lamuriento no *Auto dos Enfatriões* e *vinum laetificat cor hominis*, de sabor vicentino, no *Auto de el-Rei Seleuco* ... Mas, no conjunto, lírica e teatro atestam insofismavelmente a familiaridade de Camões com as Escrituras, de que se conhecem mesmo cenas pouco marcantes, como o censo de David e o episódio de Aarão frente à morte dos filhos.

habe schliesslich ... die Psalmen gelesen, einiges der wenigen Bücher, in dem man sich restlos unterbringt, mag man noch so zerstreut und ungeordnet und angefochten sein ... » (*Briefe an seinen Verleger*, 1934, p. 247, citado em G. VON RAD, *Theologie des Alte Testaments*, I, München, 1962⁴, p. 412, n. 33).